

MÁSCARA OU FACE?

AUTOR E AUTORIA NA VOZ DE MIKHAIL BAKHTIN

CAETANO, Andressa Mafezoni Caetano
PEIXOTO, Maria da Conceição Duarte
MACHADO, Moyara Rosa

[...] devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele.

BAKHTIN

Resumo: Este artigo busca discutir o conceito e algumas distinções dadas por Mikhail Bakhtin para *autor e autoria*. Para este diálogo, traz declarações de literatos acerca de suas produções, propondo um contraponto entre eles. Num primeiro momento, procura compreender o que Bakhtin genericamente considera *autor*. A partir daí, analisa a questão da *autoria*. Consta que, nesse diálogo, houve concordância entre eles com relação à posição do *autor-pessoa* e do *autor-criador*.

Palavras-chave: autor, autor-pessoa, autor-criador, autoria.

INTRODUÇÃO

Para começo de conversa, falar de *autoria*⁶ e *autor* é falar da autoria e dos autores deste Artigo. É falar do *acontecimento* do nosso encontro e da interação com a palavra do outro. É falar dos diálogos que o antecederam e se fizeram presentes durante a sua materialização verbal escrita. Diálogos travados nos momentos individuais de leituras com os autores de outros e tantos escritos; nos encontros coletivos para leituras, onde cada um trouxe a sua visão de mundo, seu ponto de vista e suas posições já formadas. Diálogos entretecidos nos debates que permearam todo o Seminário⁷. E ainda, sem deixar de citar, os diálogos sobre o tema, ora tensos, ora festivos que caminhavam pelos corredores.

Nesse encontro de tantas palavras, apreciações e entonações feitas, ditas e ouvidas por toda parte, houve que se possibilitar mudanças e renúncias de pontos de vista e posições prontas, pois na luta dialógica de *concordância-discordância ativa* nas fronteiras entre as *palavras do outro e a nossa própria palavra*, trava-se uma luta.

Mas essa luta de *réplicas vivas*, devido à complexa presença de tantas vozes ativas e criadoras, teve que ser avaliada e compreendida e, o resultado foi a *mudança mútua e o*

⁶ Todas as palavras destacadas em itálico neste artigo foram retiradas dos escritos de Mikhail Bakhtin.

⁷ Seminário Avançado C: "A concepção de linguagem na perspectiva bakhtiniana" do Curso de Mestrado e Doutorado em Educação/PPGE/UFES, ministrado pela Profa. Dra. Cláudia Maria Mendes Gontijo, no primeiro semestre de 2006.

enriquecimento na produção de um texto que não terá uma palavra final, nem único autor e muito menos única autoria, mas que caminhará lado a lado numa conversa bakhtiniana acerca do tema. No entanto, essa não será uma conversa fácil, visto que se trata de um tema “[...] que está presente, em maior ou menor grau, em quase todos os escritos conhecidos de Bakhtin /.../ e que conheceu diferentes desdobramentos a cada novo retorno a ele” (FARACO, 2005, p.37).

Travaremos aqui uma discussão acerca do conceito e de algumas distinções dadas por este pensador russo para *autor e autoria*, num exercício constante e variado da capacidade compreensiva do que ele expôs. O próprio Bakhtin (2003, p.392), deixou registrada a consciência que tinha pelo inacabamento interno e externo das suas obras, a sua paixão pelas variações e pela diversidade de termos aplicados a um fenômeno, bem como, a presença em seus textos da pluralidade de sínteses e resumos. Para um defensor da pluralidade de sentidos e do inacabamento de um enunciado como o foi Bakhtin, seria de estranhar que tivesse deixado uma obra acabada, terminada, com a última palavra. Ele preferiu deixá-la, intencionalmente, “[...] como aproximação com o distante sem indicação dos elos intermediários” (BAKHTIN, 2003, p.392). E cabe a nós, leitores-autores, responsivos ativos, construirmos elos daqui, do nosso espaço-tempo.

AUTOR

Através de suas obras⁸, podemos compreender que Bakhtin considera, genericamente, *autor* todo aquele que produz seu discurso numa situação de comunicação na esfera pública, oficial, literária ou da vida privada cotidiana. “Todo enunciado, até uma saudação padronizada, possui uma determinada forma de autor (e de destinatário)” (BAKHTIN, 2003, p.383). Autor, então, é todo aquele que fala de acordo com a posição ocupada em relação ao seu interlocutor. A partir deste lugar, o autor determina o gênero o tom e o estilo do enunciado. Isso é o que vai determinar a forma de autoria daquilo que diz. Nesse sentido,

Não pode haver discurso separado do falante, de sua situação, de sua relação com o ouvinte e das situações que os vinculam (o discurso do líder, do sacerdote, etc.). O discurso do homem privado. O poeta. O prosador. O ‘escritor’. Representação do profeta, do líder, do mestre, do juiz, do promotor (acusador), do advogado (defensor). O cidadão. O jornalista. A pura materialidade do discurso científico (BAKHTIN, 2003, p.384)

⁸ Ao longo desta escrita tomamos como referências as que estão na referência bibliográfica deste artigo.

Embora todo falante seja um *autor*, nós começaremos pelo *autor-escritor* literário, pois de acordo com Bakhtin, é no romance que encontraremos todas as vozes vivas, falantes e é a partir dele que esse pensador faz a sua análise do *autor-pessoa* e do *autor-criador*. Essas duas denominações, contudo, não se encontram separadas do todo do conceito de *autor* para ele. O que vai determinar a predominância de um sobre o outro é o gênero proferido. Para esclarecer melhor essas posições, chamamos para a conversa alguns escritores.

Começaremos pelo prosador, poeta, teatrólogo, dramaturgo, professor da UFPE, Ariano Suassuna, nascido na Paraíba, em 1927, autor de várias obras, como *O auto da Compadecida* (1955), *O Romance d'A Pedra do Reino* (1970), *A Pena e a Lei* (1959) entre outros. Em uma entrevista publicada na Revista *Caros Amigos*, n. 75, de Junho de 2003, quando questionado sobre a presença de fatos narrados no *Romance d'A Pedra do Reino* que lembram acontecimentos de sua própria vida (o assassinato de seu pai), ele responde:

[...] Quando eu dei pra minha irmã ler, ela olhou pra mim e disse: ‘ô Ariano, você notou que isso aqui é a morte de João Dantas?’ (...) E vi que foi pelo fato de João Dantas, primo legítimo da minha mãe, ter matado João Pessoa, que assassinaram meu pai. Então veja sem eu querer, (...) eu tinha colocado a morte de João Dantas na “Pedra do Reino”. Quer dizer, a Pedra do Reino era uma maneira ficcional de eu contar os acontecimentos de 1930. /.../ Não é exatamente, não, mas é a caricatura literária das duas (fatos ocorridos com sua própria família e acontecimentos de 1930) ⁹ (p. 37).

Para Bakhtin, o autor “[...] ocupa uma posição responsável no acontecimento do existir, opera com elementos desse acontecimento e por isso a sua obra é também um momento desse acontecimento” (BAKHTIN, 2003, p.176). A posição do autor-criador, ou seja, aquele que tem a função estético-formal engendradora da obra, não está dissociada do autor-pessoa, isto é, do escritor, do artista. A vida não está em dicotomia com a arte. Elas se imbricam através das vozes sociais e históricas, onde a dimensão teórica, estética e ética – o conhecimento, os valores e o agir – convergem, organizadas num sistema estilístico harmonioso.

No entanto, há de se notar que a realidade entra na obra artística, no romance e cria uma nova forma, toma originalidade, liberdade, e se apresenta como novo. A surpresa revelada na fala de Ariano Suassuna “[...] então veja, eu sem querer [...]” nos remete a teoria bakhtiniana de que o artista não está diretamente envolvido com o acontecimento na obra, ele sempre ocupa uma posição fora do acontecimento, como se fosse o seu assistente desinteressado, porém compreende o valor daquilo que realiza, “[...] não se submete ao acontecimento, mas participa do seu suceder [...]” (BAKHTIN, 1993, p. 36). Este é o princípio

⁹ Esclarecimentos dados pelo Ariano Suassuna ao longo da entrevista.

da exterioridade, fundamental no momento da criação artística. E esta realização, no romance, se faz por meio da palavra que para Bakhtin é o elemento privilegiado da comunicação na vida cotidiana. Ela acompanha toda criação ideológica, estando presente em todos os atos de compreensão e de interpretação.

Assim, a palavra desempenha um papel ideológico que se relaciona com o contexto e está impregnada de um conjunto de significados construídos socialmente. A palavra é polissêmica, e passa a exercer diferentes significados ao longo de sua história e contextos em que é enunciada, isto é, a palavra para Bakhtin (1981), *está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial*.

Desta maneira, “se levarmos em conta todos os fatores aleatórios que condicionam as declarações do autor-pessoa sobre suas personagens [...] veremos como é incerto o material que deve emanar dessas declarações do autor sobre o processo de criação da personagem”. Por isso, a palavra tem primordial importância no que se refere ao que foi escrito, adquirindo também valor estético, *mas só depois de iluminado pelo sentido artístico da obra* (BAKHTIN, 2003, p. 6).

Se Ariano Suassuna, como autor-pessoa, isto é, na sua posição de artista, escritor, não tivesse deslocado as suas próprias palavras para outras vozes no romance, a sua obra perderia a estabilidade estética e seria apenas a voz do sujeito falando de si mesmo, fala, considerada por Bakhtin, inadequada para a verdadeira criação estética.

Portanto, no sentido bakhtiniano, *autor-criador* é “[...] quem dá forma ao conteúdo: ele não apenas registra passivamente os eventos da vida [...] mas a partir de uma certa posição axiológica, recorta-os e reorganiza-os esteticamente” (FARACO, 2005, p. 38). Esta posição é refratada e refratante e sempre parte de um viés valorativo, recortado do *autor-pessoa*. Ou seja, a obra artística não é uma mera reprodução do mundo objetivo, mas absorve e reflete a multiplicidade e heterogeneidade das vozes do mundo.

Além da função estético-formal atribuída por Bakhtin ao *autor-criador*, ele também o caracteriza como aquele que tem que desistir, distanciar-se da sua própria linguagem, para permitir que o outro fale. Nesse sentido, é preciso acontecer no ato artístico, ou seja,

[...] um complexo jogo de deslocamento envolvendo as línguas sociais, pelo qual o escritor (que é aquele que tem o dom da fala refratada) direciona todas as palavras para vozes alheias e entregue a construção do todo artístico a uma certa voz /.../ a voz criativa do autor-criador que tem que ser sempre, uma segunda voz /.../ deixando-se vagar livremente pela heteroglossia (FARACO, 2005, p.40-41)

Dentro do mundo do autor-criador, Bakhtin ainda cita a posição do *autor-poeta*, o *autor da autobiografia*, o *autor-prosador*. Para exemplificá-los, trazemos para esta conversa, Adélia Prado, escritora, poetisa, prosadora, autora de várias obras, entre elas o romance *Quero minha mãe* (2005). No trecho de uma entrevista concedida à Revista Entre Livros, n. 9, de janeiro de 2006, ao se questionada sobre haver fatos autobiográficos no romance citado, ela responde:

Dados autobiográficos são meros disparadores para a ficção, para a metáfora que toda obra literária deve ser. Quero sempre voltar à infância e acredito que a infância na ficção é a infância de todos e não propriamente a infância biográfica. /.../ O que justifica uma obra é ser ela maior que seu autor, que sofre as agruras do tempo (p. 22).

Tanto para Adélia Prado como para Bakhtin [...] arte e vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo singular em mim, na unidade da minha responsabilidade (BAKHTIN, 2003, XXXIV). Portanto, mesmo que o *autor-pessoa* e o personagem coincidam-se numa autobiografia, o *autor-escritor* não estará falando do seu lugar, pois, ao escrever sobre si mesmo, ele se posiciona diante desta vida, valorando-a como boa ou ruim, bela ou feia, interessante ou desinteressante, etc.

Para tomar essa posição, ele deve se transportar para o lugar do outro. Daquele que o vê por inteiro, do ângulo ou do todo em que ele está impossibilitado de se ver. Deve se autocontemplar como se estivesse diante de um espelho. E diante do espelho, todos nós nos projetamos como nos vemos no nosso exterior, sem, no entanto, nos vermos na totalidade. A visão da totalidade só é dada ao outro que está fora.

No entanto, isso não só ocorre na criação verbal. Ocorre em qualquer ato-estético artístico, ou seja, com o artista que trabalha o auto-retrato, o retrato elaborado por um artista, a fotografia, etc. Todos precisam se colocar como elemento de um mundo exterior plástico-pictorial e único.

A primeira tarefa do artista que trabalha o auto-retrato consiste em depurar a expressão do rosto refletido, o que só é possível com o artista ocupando posição firme fora de si mesmo [...] A fotografia propriamente dita também só oferece material para cotejo, e nela não vemos a nós mesmos, mas tão-somente o nosso reflexo sem autor. [...] Outra coisa é o meu retrato executado por um artista que tem autoridade para mim; aí temos realmente uma janela para o mundo onde eu nunca vivo (BAKHTIN, 2003, p. 31-32).

Quando Adélia Prado coloca que “dados autobiográficos são disparadores para a ficção” e que “a infância na ficção é a infância de todos”, ela concorda com Bakhtin no que se refere às fronteiras que permeiam tanto o autor-escritor com o autor-criador e da fronteira

dos dois com as vozes sociais. Não é só a infância do ponto de vista do autor-pessoa, nem do autor-criador, nem dos personagens mas de

[...] uma realidade que congrega múltiplas e heterogêneas línguas sociais, entendidas como compósitos verbo-axiológicos, como expressões de uma determinada interpretação do mundo /.../ não a reproduz mecanicamente, mas apresenta, num todo estilístico, um modo de percebê-la, experimentá-la e valorizá-la (FARACO,2005, p. 49).

Essa realidade, porém, é compreendida e avaliada pelo autor e seus contemporâneos no seu próprio espaço-tempo. Adélia Prado, ao falar que uma obra é ser ela maior que seu autor, que sofre as agruras do tempo, retoma do seu lugar de escritora, aquilo que Bakhtin diz acerca do autor ser um prisioneiro de sua época. Só em tempos posteriores o autor será liberto dessa prisão do espaço-tempo, pois a sua obra não deve ser vista apenas como representação da época da sua criação (BAKHTIN, 2003, p.364).

Por isso, e do lugar, da época e da posição em que estava inserido, que Bakhtin (1993, p.94) nos fala do autor-poeta. Não concorda que o poeta esteja distante do seu lugar social, de que tudo veja, compreenda e imagine com os olhos apenas da sua linguagem, não tendo que fazer uso da linguagem alheia. É contrário a essa poética em que o autor-poeta deve usar somente certas palavras e permite que

Por trás das palavras da obra poética não se devem perceber as imagens típicas e objetivas dos gêneros (exceto o gênero poético), as profissões, as tendências (exceto a tendência do próprio poeta), as concepções de mundo (exceto as concepções de mundo do próprio poeta), as imagens típicas ou individuais dos falantes, suas maneiras de falar, entonações típicas, etc. /.../ a língua só pode lembrar de sua vida nos contextos *poéticos* (*neste caso, são possíveis também as reminiscências concretas*) (BAKHTIN, 1993, p.102).

Mas mesmo a poesia carregando todo esse caráter de unidade da linguagem, Bakhtin diz que é possível sentir a tensão profunda e consciente da linguagem literária viva, que lhe é contemporânea, encontrar a presença das vozes sociais nas formas poéticas.

É preciso não esquecer que diante de uma obra, além do autor, estão também o leitor, o espectador e o ouvinte. Esses não devem ser entendidos como ideais que a tudo compreendem e estão em constante harmonia com os autores. Eles, situados no seu espaço tempo social, são co-autores diante do enunciado, numa constante atitude dialógica de avaliação e compreensão. Para Bakhtin (2003, p.311), o acontecimento da vida do texto, isto é, a sua verdadeira essência, sempre se desenvolve na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos. Então, onde fica a *autoria*?

AUTORIA

Um dos exemplos que podemos citar aqui, ao falarmos de *autoria*, é o do escritor Fernando Pessoa (1888-1935), que além de escrever tratados dos mais diversos assuntos, criou e cria polêmica quando o assunto são os seus poemas. Durante a sua existência, publicou-os sobre os mais diversos heterônimos. Hoje já se sabe que não são apenas os três mais conhecidos (Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos) e sim que formam um universo que já ultrapassa 72, de acordo com dossiê publicado na Revista Entre Livros, n.10, de fevereiro de 2006, p. 28-47.

Não criou estes heterônimos com a finalidade de ocultar, sob denominações distintas, uma mesma realização literária. “Não foi assim que Pessoa os concebeu. Os heterônimos tinham, além de estilos distintos, visões diferentes da literatura – expostas e debatidas em ‘praça pública’” (GAMA, 2006, p.38). Em um dos seus apontamentos, escreve sobre a autoria de seus poemas:

Assim têm estes poemas que ser considerados. Não há que buscar em quaisquer deles (nos seus autores-heterônimos) idéias ou sentimentos meus, pois muitos deles exprimem idéias que não aceito sentimentos que nunca tive. Há simplesmente que os ler como estão, que é aliás como se deve ler (...) Negar-me o direito de fazer isto seria o mesmo que negar a Shakespeare o direito de dar expressão à alma de Lady Macbeth. (...) Se assim é das personagens fictícias de um drama, é igualmente lícito das personagens fictícias sem drama (PESSOA apud GAMA, 2006, p.39).

Fernando Pessoa, diferentemente de Bakhtin, escreveu que “[...] em prosa é mais difícil de se outrar” (apud GAMA, 2006, p. 40). Para Bakhtin, é o autor-prosador que mais se utiliza de discursos já povoados pelas vozes sociais. Independente das pequenas diferenças de opinião de ambos, o que importa aqui é que “[...] todo texto tem um autor (o falante ou quem escreve). Os possíveis tipos, modalidades e formas de autoria” (BAKHTIN, 1993, p.104). Ou seja, desde o gênero poético, romanesco, científico, retórico, familiar, militar, íntimo, nenhum deles é constituído por uma única voz de acordo com a concepção bakhtiniana.

É bem verdade que Bakhtin não nega a *autoria*, mas diz que todo texto é criado a partir de outros enunciados já existentes. Todos os enunciados proferidos são enunciados já proferidos por outros. Então, quem pode assumir a autoria de um texto? Para Bakhtin, nenhum enunciado é puramente o reflexo de outro já existente fora dele, pois ele é único e intransferível no momento singular do ato da comunicação.

É comum ouvir-se no cotidiano, nas conversas diárias, nos textos científicos, a palavra do outro sendo proferida através das ‘entre aspas’, do discurso direto, do discurso indireto

livre, do discurso indireto iniciado pelo verbo na terceira pessoa do plural: Disseram... Falaram... Comentaram... etc. Para Bakhtin, é muito mais comum do que se imagina, nas interações verbais, falar-se sobre tudo aquilo que os outros dizem, e as conversas giram em torno das discordâncias, concordâncias. “Qualquer conversa é repleta de transmissões e interpretações das palavras dos outros” (BAKHTIN, 1993, p.139).

Porém a palavra, segundo Bakhtin (2003), não pertence unicamente ao falante, uma vez que o ouvinte também tem direitos sobre ela. É certo, diz Bakhtin, que o autor (falante) tem seus direitos inalienáveis em relação à palavra. No entanto, o ouvinte está presente de alguma maneira, assim como as vozes que precederam aquele ato de fala também repercutem na palavra do autor (falante) porque não há palavras sem dono. Por isso, para Bakhtin há diversas formas de autoria e elas.

Dependem do gênero do enunciado /.../ que por sua vez é determinado pelo objeto, pelo fim e pela situação do enunciado. /... / o lugar (posição) ocupado na hierarquia pelo falante (líder, /.../ pai, filho) /.../de quem fala e a quem fala. Tudo isso determina o gênero, o tom, o estilo do enunciado: a palavra do líder,/.../ a palavra do pai, etc. É isso que determina forma de autoria. A mesma pessoa real pode manifestar-se em diversas formas autorais (BAKHTIN, 2003, p. 390).

Portanto, quando se faz uso da palavra do outro, esta se reveste de uma nova roupagem trazendo variações estilísticas de um novo material, de um novo enfeite que será pronunciado num novo contexto e em novas condições. Esta palavra do outro em mim, em algum momento me pertencerá, porque a cada pronúncia ela se revelará nova para mim e para o outro que a tomará, dando-lhe um novo valor.

Tanto Fernando Pessoa quanto Mikhail Bakhtin tinha consciência desta condição autoral e talvez por isso a usaram tão bem. Deixaram para o leitor a opção de escolher onde expor a máscara ou a face: “[...] É praxe falar de máscaras do autor. Contudo, em que enunciados (manifestações verbalizadas) se exprime à *pessoa*, e não haveria aí máscara, isto é, autoria?” (BAKHTIN, 2003, p. 389)

CONSIDERAÇÕES

Para dar um acabamento a este Artigo que por si só é inacabado, é preciso dizer que as nossas vozes aqui impressas são frutos de todo o processo de construção das leituras e novas compreensões acerca do tema abordado. Porém, toda conversa precisa de um ponto, mas que não seja o final. No momento em que nossos interlocutores entrarem em contato com este

texto, suscitarão, com certeza, novos textos com novas abordagens e a autoria já não nos pertencerá.

A discussão aqui realizada sobre *autor e autoria*, numa perspectiva bakhtiniana, nos levou a refletir que este tema perpassa a linguagem humana, ou seja, abarca conceitos como Dialogismo, Polifonia, Heteroglossia, Responsabilidade, Extraposição, Eu/Outro, Ato, Evento, Construção de significados, Arquitetônica.

Porém, o propósito deste Artigo não foi o de aprofundamento desses conceitos, mas o de trazer para o diálogo o teórico Bakhtin e alguns literatos. Buscamos um contraponto entre eles, no que diz respeito a *autor e autoria*, visto que Bakhtin fala sobre a análise da obra literária e os literatos falam sobre as suas próprias produções.

Constamos que nesse diálogo houve concordância da posição do *autor-pessoa e do autor-criador*, como postulou Bakhtin, isto é, na fala de Fernando Pessoa, de Adélia Prado e de Ariano Suassuna, percebemos que o autor assume uma posição refratada e refratante, partindo de um viés valorativo, recortado do *autor-pessoa*.

Podemos, portanto, afirmar que neste Artigo há *autor e autoria*. Apesar de termos sido atravessadas pelas múltiplas vozes de literatos, teóricos e estudiosos, trouxemos as nossas marcas, tons, vozes e vivências no momento único da construção deste texto. Assim como para Bakhtin, nós enquanto autoras, ocupamos um lugar que não é o lugar do outro, mas o nosso próprio lugar. Colocamos a face e usamos a máscara, portanto, somos autoras e temos autoria.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, L. Adélia Prado Um poeta retórico é uma coisa problemática. **Entre Livros**, São Paulo, n. 09, p.21-22, jan. 2006.

BAKHTIN, M.. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Questões de literatura e estética. A teoria do Romance**. 3. ed. São Paulo: UNESP, 1993.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec. 1981.

CAMAROTI, M. et al. “Eu não faço concessão nenhuma” - entrevista com Ariano Suassuna. **Caros Amigos**. São Paulo, n. 75, p.34-41, jun.2003.

FARACO, C. A. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

GAMA, R. Uma moderna estética do fingimento. **Entre Livros**, São Paulo, n.10, p.28-47, fev. 2006.

SOUZA, S. J. **Infância e linguagem: Bakthin, Vygotsky e Benjamin**. 9.ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.